

Sopros de bola: embaixadinhas com o musicista Toninho Carrasqueira

Ball blows: interview with the musician
Toninho Carrasqueira

Luiz Henrique de Toledo¹

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, Brasil
Doutor em Antropologia Social, USP
lhtoledo@ufscar.br

Eduardo Camargo²

Professor de violão, cavaquinho e guitarra

RESUMO: Entrevista com Toninho Carrasqueira, flautista fundamental da música popular brasileira, abordando o futebol, a cidade e a música entrelaçados com argúcia e suavidade e entrevedo sutilmente outros tantos temas como identidade nacional, raça, brasilidade, estilo de jogar e estilo de tocar, relações insuspeitas forjadas na reflexão de um craque flautista que ama futebol, ou também de um menino brasileiro, criado no futebol de várzea, que faz da flauta sua máxima expressão e estilização da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol e música; Futebol e memória; Música e memória; Toninho Carrasqueira; Futebol e cultura.

ABSTRACT: Interview with Toninho Carrasqueira, fundamental flutist of Brazilian popular music, approaching football, the city and music intertwined with subtlety and subtlety and subtly hinting at so many other themes such as national identity, race, Brazilianness, style of playing and style of playing, unsuspected relationships forged in the reflection of a great flutist who loves football, or also of a Brazilian boy, raised in lowland football, who makes the flute his maximum expression and stylization of life.

KEYWORDS: Football and music; Football and memory; Music and memory; Toninho Carrasqueira; Football and culture.

¹ Antropólogo, professor titular no departamento de Ciências Sociais da UFSCar, autor de *Lógicas no futebol: releituras* (2022). Lançou, em 2016, o CD *Ladeira de pedra*: <https://spoti.fi/42EA3u0>.

² Músico, arranjador, compositor, produtor e professor de violão, cavaquinho e guitarra. Em 2017, lançou *Chamamento*: <https://spoti.fi/454gHzZ>.

Antonio Carlos Moraes Dias Carrasqueira é Toninho Carrasqueira. Dispensaria apresentações se escrevêssemos apenas àqueles que transitam pela música instrumental brasileira. Já outros públicos atentos ao movimento musical de concerto certamente já se emocionaram com sua flauta a protagonizar inúmeras peças consagradas do cânone universal. No contexto brasileiro, de Villa Lobos, Radamés Gnattali, passando pela ampla paisagem do choro, sua flauta alcança experimentações contemporâneas. Sua tese de doutorado defendida na USP, onde é professor de música brasileira na Escola de Comunicação e Artes, ganhou a forma de trabalho autoral, disponível nas plataformas digitais, intitulado *Oriente-se, Ocidente*.

Circulando no *mainstream* desses ambientes plurimusical suas fintas entre o popular e o erudito casam bem com a posição de jogador varzeano. Carrasqueira foi um assíduo frequentador da sociabilidade esportiva popular infanto-juvenil, que o fez jogador pela meia-direita, ou flutuando também pela esquerda nos campinhos sem grama. A partir daí sua história passa a ser bem menos conhecida, embora animicamente compartilhada por milhares que ainda correm atrás de uma bola no multiverso da várzea, lugar onde se equalizam famosos e humildes.

Como dizia Osvaldo Moles, cronista e parceiro de Adoniran Barbosa, por ser ela, a cidade de São Paulo, uma sociedade fechada, queria dizer, sem praia, aqui a “doença” que pegou foi o convívio em coletividade, que se

³ Apenas para citarmos alguns trabalhos como o de Strepaco, 2016; Silva, 2016; Favero, 2017, Santos, 2021.

deu na forma das sociedades, ajuntamentos, escolas de samba e, acrescentaríamos à revelia, os times de várzea.

O futebol de várzea, sujeito aos movimentos da especulação e espoliação urbana, povoou a cena paulistana logo nos primeiros decênios do século XX, tal como nararam muitas pesquisas que cobrem essa *zona livre* caracterizada pela prática de um futebol dito “menor”. Mas que se apresenta também como maior, porque nunca deixou de existir como lugar de fermentação étnica, racial e política, ainda que invisibilizado pelo glamour dos grandes clubes e o advento do profissionalismo.³ Zona livre, expandindo a concepção que o antropólogo argentino Eduardo Archetti empresta ao termo, são aqueles espaços da cultura em que neles se permitem (des)encontros, experimentações, conexões, intersecções e o exercício das utopias. Tudo isso está condensado na trajetória de Toninho Carrasqueira.

A várzea paulistana foi por um bom tempo uma zona livre de canalização dos modos de vida urbano, dos coletivismos permeados pelo complexo mundo da cultura popular das batucadas, das tiriricas,⁴ dos sambas de beira de campo, das visitas, saraus, reuniões, dos ativismos políticos e das expressões da cultura negra sistematicamente vilipendiada pelas elites da cidade.

Da várzea escoaram muitas vocações e certamente por isso Toninho Carrasqueira a leva tão seriamente em

⁴ A esse respeito ver Santos, 2015.

conta, provavelmente porque colheu nela, desde a infância, parte das energias criativas necessárias para transformá-lo num virtuose da música. Como escreveu Paulo Mendes Campos, a infância nos oferece a sensação de que viver é de graça, daí manter seu espírito no calvário da vida adulta é mais do que recomendável. Assim como o gol é sempre necessário para todos os eternos adoradores da bola.

Meia-esquerda é aquele que atua com sede de articulação, possuidor de visão panorâmica, que encontra espaços e descobre caminhos incertos em lugares já povoados. Música e futebol ganham saliências insuspeitas na biografia de Carrasqueira. Numa longa entrevista, gentilmente concedida como se estivéssemos num daqueles jogos intermináveis entre meninos, que depois de horas vence o time que encetar o gol derradeiro, abandonando o placar, ou pela sentença natural do sol que se põe, estendemos em muito a prosa. Se estivéssemos em campo, possivelmente por ruindade de bola dos entrevistadores, a conversa-jogo correria o risco de não terminar.

Música, cidade e futebol de várzea se entrelaçam com argúcia e suavidade na sua fala, entrevendo sutilmente outros tantos temas como identidade nacional, raça, brasilidade, estilo de jogar e estilo de tocar, relações insuspeitas forjadas na reflexão de um craque flautista que ama futebol, ou também, por que não dizer, de um

eterno menino brasileiro futeboleiro que faz da flauta sua máxima expressão e estilização da vida.

A publicação desse bate-bola com Toninho Carrasqueira é fruto de um projeto de entrevistas com músicos, profissionais e amadores, que desenvolvemos no portal *Ludopédio*,⁵ relacionando música, futebol e experiências biográficas. Não estendamos por demais essa preliminar, vamos à peleja principal.⁶

* * *

⁵ Conf.: <https://bit.ly/3lfqE3R>.

⁶ Ao final da entrevista o antropólogo Enrico Spaggiari, do *Ludopédio*, comparece para reforçar o time de entrevistadores.

Toninho Carrasqueira – Anos 1950, 60... A gente crescia na rua e só voltava para casa para almoçar. Lembro-me de quando “seu” João Vilanova comprou a primeira televisão da vizinhança e, à noite, colocava cadeiras na calçada, para que todos pudessem assistir à nova maravilha. As ruas, de terra, começavam a ser asfaltadas. Era onde a criançada crescia solta, brincando de roda, jogando bola, bolinha de gude, empinando papagaio, batendo “bafo”, rodando pião. A cinco quarteirões de casa passava a estrada de ferro Sorocabana e a Santos-Jundiaí⁷ e um pouco depois ficavam os campos de futebol. Ali era a várzea da Vila Anastácio, quando chovia muito a gente tinha que passar nadando por baixo do viaduto para chegar nos campos. Além do campo do Vaticano Atlético Clube tinha uns dez campos de futebol num terreno enorme que a gente chamava de “lameirão”. Todo final de semana tinha jogo e a gente ia pros campos. Eu voltava pra almoçar correndo e ia de novo. Minha mãe falava, meio brava: “leva a marmitta, você passa o dia todo no campo mesmo!”.

Luiz Toledo e Eduardo Camargo – Os campos eram públicos?

O Vaticano acho que era da Fepasa [Ferrovia Paulista S/A] ou da Sorocabana. Não eram privados. Eram abertos e entrava todo mundo, não tinha cerca. Se tivesse pulava também, molecada era dona do mundo, né? E os outros eram abertos também, terreno baldio, botavam as traves, podava. Era da gente.

⁷ Meu pai era ferroviário, como todos os seus irmãos e tantas famílias naquela época (nasci em 1952). A extensão da malha ferroviária brasileira hoje equivale a 10% do que era nos anos 1960.



Campo do Vaticano A. C., s/d.
Imagem disponível em: <https://bit.ly/42rh3iE>.

O futebol era de “catados” ou tinham times com nomes, camisas?

Tinha as peladas informais e também os times tradicionais, organizados, com lindas camisas. Joguei no União São Paulo, Lapeaninho, Radional, Estrela da Lapa, Vaticano, Tenentes do Diabo, que era um time da Vila Cachoeirinha, mas que jogava

no sábado, pela manhã. Joguei na Lapa de baixo, desde molequinho a gente já descia com a “chanca” embrulhada no jornal, que era aquela pregada com prego e, às vezes, a gente voltava com a canela toda riscada [risos]. Tinha uns caras malvados, mas era uma delícia. O Brasil foi campeão em 1958, quando eu tinha cinco para seis anos, lembro de correr na rua, festejando como todo mundo [acena com os braços]. Pelé, Garrincha, Didi... Era a época do Éder Jofre (campeão mundial de boxe, peso galo), Maria Ester Bueno (tenista, tricampeã em Wimbledon), Adhemar Ferreira da Silva (campeão olímpico de salto em distância), nosso time de basquete era top mundial. Eu achava que o brasileiro era campeão do mundo em tudo, me sentia o máximo, autoestima lá em cima.

Você citou aí um nome de time que me lembra muito mais uma associação carnavalesca... o Tenentes do Diabo...⁸

O Tenentes era um time curioso, quase que só tinha preto, sobretudo no “primeiro time”. Um timaço lá da Cachoeirinha, que começou a jogar no campo do Vaticano. Na várzea sempre tinha dois jogos, e cada agremiação tinha dois times; o “cascudo” ou “segundo” que equivalia a um time reserva e fazia o jogo preliminar e o “primeiro” o time dos craques, que jogava depois. Eu os vi jogar num sábado, gostei e na outra semana pedi pra entrar no time. Me colocaram no “cascudo”.

⁸ Tenentes do Diabo ou Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo foi uma das tradicionais sociedades carnavalescas cariocas da segunda metade do século XIX, que se colocaram como um novo modelo de carnaval nascido do ocaso dos insurgentes Entrudos. Para uma boa análise ver Pereira (2004). Provável que esse nome chamativo tenha circulado entre as capitais e sido emprestado livremente a outros tipos

No primeiro dia que você joga num time novo, você joga no “cascudo” pra verem teu jogo, te avaliarem, né? Joguei bem. Aí, ia começar o jogo do “primeiro” e faltou o meia-direita, o Binho, o craque do time, que jogava um bolão... aí me chamaram pra jogar no lugar dele. Fiz o “meio de campo” com o Carlinhos, camisa 10, e o Fuminho, com a 5. Deu certo, maior entrosamento, ganhamos o jogo. No outro sábado, chegou o Binho e os caras falaram, “bicho, olha, chegou um cara novo aí que joga muito, hoje você fica na reserva” [risos]. Eu queria ser o Pelé. Eu gostava do Garrincha também. Garrincha gostava de passarinho, eu gostava de passarinho também. [...] O futebol da várzea traz valores que você carrega para a vida inteira: o trabalho em equipe. [...] O fator psicológico... essa coisa que você não é infalível, que você não ganha o jogo sozinho. Tem dia que você não acerta nenhuma e o parceiro segura a tua, no outro dia é o inverso [...]. Futebol é equipe, um por todos, todos por um [...]. Essa coisa do individual e do coletivo... o equilíbrio, como você pode mostrar seu brilho individual e ao mesmo tempo estar a serviço da coletividade, vale pra vida, né? Tem uns caras muito habilidosos, mas que são mascarados, vaidosos, não jogam pro time. Tem uns caras que não são tão bons de bola, mas são imprescindíveis para o time [...], tô lembrando aqui do Dudu e do Ademir da Guia [jogadores do Palmeiras nos anos 1960, 70].⁹ Era o único

de associações, ou carnavalescas, ou, nesse caso citado por Carrasqueira, a um time de futebol.

⁹ Um bate bola entre Ademir da Guia, Guinga e Toninho Carrasqueira pode ser visto como parte do programa Passagem do som (TVSESC), que tematiza o encontro do Quinteto como as composições do violonista no CD Rasgando Seda (2012). Disponível em: <https://bit.ly/3pDSdO2>.

time que peitava o Santos. Aliás, anos mais tarde tive o privilégio de jogar com ambos, jogadores maravilhosos, depois que já eram coroas, batemos uma bolinha.



A fervilhante Lapa operária e futebolística. Fonte: Guimarães (2021: 86).

Você não queria saber de beirada de campo. Foi “fominha” mesmo, nem queria saber de batucada. Me conta esse ambiente, tinha a batucada, não?

¹⁰ Agostinho dos Santos foi um compositor e cantor paulista. Participou da peça Orfeu da Conceição escrita por Vinicius de Moraes em 1954, lançada em trilha sonora em 1956. Jamelão é o lendário “puxador de

Eu era fominha mesmo, queria jogar... batucada era bom demais, dava um clima, esquentava o jogo. O campo do Vaticano era um campo mais chique, tinha até uma arquibancadinha, um boteco... a gente era moleque, eu cresci assim num campinho que tinha do lado do Vaticano, uma turma grande. De vez em quando vinham aqueles timaços jogar contra os times da casa; tinha o Democrata e o Sereno, que muitas vezes vinham com jogadores profissionais, e artistas como o Silva, que jogou no Corinthians e na seleção, o Agostinho dos Santos,¹⁰ grande cantor, o Jamelão, da Mangueira do Rio. Com eles vinham também mulheres, o que era raro de se ver naquele ambiente. Pra gente, moleque, era uma festa ver aqueles personagens elegantes, então a gente pedia pra servir no boteco, pra ficar perto deles, ouvir as gírias, dar risada. A gente ficava servindo ali no boteco, cachaça com sal e limão, cerveja, sanduba de calabresa [...], e os caras cheios de chinfra, de bossa, malandragem. As artistas cantoras, jogadores profissionais, todos muito elegantes, calças “boca de sino” Jamelão puxava o samba. Aí tinha também um negócio que a gente chamava de tiririca, que era um samba de pernadas. [...] Era a malandragem, um jogo, uma brincadeira, bonito e engraçado.

O que a gente chamava de tiririca aqui [São Paulo] pode comparar com a batucada no Rio. O Martinho [da Vila] chama de batucada a ginga maliciosa naquele samba que diz “sai da roda meninada que o samba virou

samba” da escola de samba carioca Mangueira e exímio intérprete do samba-canção.

batucada... Tiririca é um termo muito paulista, paulistano, sobretudo.

Olha, não sabia...

E você também dava as suas pernadas?

Dava sim, gostava. Com 17 anos, entrei na academia Cordão de Ouro. Fui aluno dos mestres Suassuna e Brasília, um grande privilégio, foram eles que trouxeram a capoeira para São Paulo. Eu ia para a cidade, eles tinham uma academia ali na rua das Palmeiras, Cordão de Ouro, logo fui batizado, virei “quilombola”. Pra sempre. Na várzea tinha que saber se defender, na rua tinha que saber se defender. Eu era pequeno, baixinho, né? Os maiores não davam mole, eu andava com umas pedras no bolso [...]. Tinha um time na Lapa que eu adorava, que jogava domingo à tarde, que era o Estrela da Lapa. Era em frente ao quartel. E no quartel sempre chegava uma rapaziada nova... de vez em quando pintavam uns caras muito bons de bola, que passavam só um ano ali [...]. A gente era louco para jogar no Estrelinha, que tinha muitos craques, o sonho mais próximo era jogar no Estrelinha, não era nem no Corinthians. Enquanto esse dia não chegava ficávamos por ali jogando no campinho e vendo os jogos. Um dia a gente estava no campinho e chegou o Jeová, um cartola do Estrela e falou: teve um racha no time e hoje a linha do Estrelinha no segundão vai ser vocês. Uia!

Ficamos na dúvida se você é corintiano ou palmeirense, porque você acabou de citar jogadores do Palmeiras (Dudu, Ademir da Guia).

[risos] Corintiano. Quando eu era molequinho meu velocípede tinha duas flâmulas. [...] Antigamente todo mundo tinha flâmulas, [...] uma da Nossa Senhora Aparecida e outra do Corinthians [risos], até hoje estão no meu coração. Cultura brasileira, né? Mas aí fomos jogar no Estrelinha, segundo quadro. A linha era dos moleques, Zeca, Hirome, Gilmar, eu e o Gerson. Todo mundo com 14, 15 anos, num time de adultos. Entrei com a 10, de meia-armador. Mó resposta e alegria com aquela camisa vermelha. Foi um jogo duro, você é moleque, os caras querem te amedrontar, ganhar no grito, já vem chutando da medalhinha pra cima: “- Vô ti quebrá muleque!” [...] A gente ganhou de 2 a 1. No vestiário, depois do jogo, todo mundo alegre e cansado entrou o Jeová e disse: esse “deizinho” é um demônio, vai ficar para o “primeiro”. Você vai com a 11, vai de Zagallo, ponta-esquerda recuado da seleção, ao lado do Luizinho. O Luizinho era meu ídolo, foi profissional, jogava muito, eu nem tinha coragem de falar com ele... parecia um sonho... Me lembro que na semana seguinte, eu driblando minhas vassouras e as bolinhas de meia que tinha lá no quintal de casa, parecia nem acreditar que agora era titular do “primeiro” do Estrelinha! A semana mais feliz da minha vida.

Isso não te encaminhou para o futebol? Você não pensou em ser jogador?

Eu rezava todo dia pra ser jogador, ser o novo Pelé. Eu e milhões de moleques brasileiros. Nessa época aí os caras me chamaram pra fazer um teste no Nacional da Água Branca.

Daí que o Noa, o Rodolpho,¹¹ a gente jogou no Nacional. O Rodolpho já veio depois de mim e nem cheguei a jogar com ele. O Nacional era o time dos ferroviários. Fui fazer o teste no Nacional, eu era pequenininho, me botaram no mirim, fiz quatro gols no treino, aí treinei no infantil e fiz mais quatro. Passei no teste, naquela semana fomos com um cartola tirar a carteira de identidade pra inscrição na federação [...], logo virei titular e disputei o campeonato paulista infantil de futsal. Os treinos eram à noite. Nessa época estava na quarta série do ginásio [...]. Com 15 anos, jogando na várzea com os adultos, um “olheiro” quis me levar para o Santos do Pelé, que era o melhor time do mundo, já imaginou? Mas tinha que morar lá em Santos e meu pai não deixou. Pra falar a verdade, nem liguei muito, eu queria mesmo era jogar no Corinthians [risos].

Vocês também jogavam em outros bairros?

Opa, a gente ia sim, tinham os jogos “contra”. Joguei também num time da Sadia. Tinha jogo que você entrava na vila dos “ómi” e o campo era lá no fundo, em volta só mato. Para sair tinha que passar pela vila. A gente olhava um para a cara do outro e dizia, bom, hoje só vale o primeiro tempo. Se ganhasse você não saía com a saúde no lugar. A gente tinha um time legal de moleques (16, 17 anos), o “Radional”. Esse time era muito bom, chegou a ficar um montão de jogos invicto.

¹¹ O contrabaixista Rodolpho Stroeter é outro conhecido músico da cena paulistana. Com Nelson Ayres criou o grupo Pau Brasil. Segundo o dicionário Cravo Albin atuou com diversos artistas como Milton Nascimento, Joyce, Edu Lobo, Chico Buarque, Wagner Tiso, Carlinhos Brown entre outros. É de família de santistas. Seu filho, Noa Stroeter trilhou caminho

Era um time pobrezinho, só tinha onze camisas, quando tinha substituição a gente botava aquela camisa suada... Com o Radional, às vezes, jogávamos fora e tinha esse lance. Negociar para poder tomar uma cerveja amistosa com os caras depois do jogo. [...] Nessa época já tinha começado com a música. Meu pai se aposentou na “estrada de ferro”. A grana ficou curta lá em casa e fui trabalhar no Banco Bamerindus como “office-boy”. Desde pequeno eu vendia garrafa, jornal na feira (não havia saquinhos plásticos, as mercadorias eram embrulhadas no jornal) passava nas casas dos vizinhos na rua e pegava jornais, garrafas. Com 14, 15 anos comecei a trabalhar de dia e à noite estudar no colégio de aplicação, no “científico”. Mas sempre na fé de que ia ser jogador profissional. Nessa época, também comecei com a música, o pai dava aulas em casa. Ele tinha se aposentado em 1964, 65, quando eu tinha 12 anos. Eu vi que só começamos a comer carne somente uma vez por semana. A mãe falava: “come uma banana meu filho, é igual a um bifinho”. Tudo certo, era normal todo mundo trabalhar [...] já trabalhava na feira. Fazia pipa e vendia, ganhar um dinheirinho, queria ser “homem” e ajudar em casa.

Seu pai era músico, o pai dele também, uma família de músico...

semelhante, na música e no futebol, é contrabaixista e também jogou pelo Nacional nas categorias de base do futebol de salão. Hoje integra o conjunto Caixa Cubo, grupo de música instrumental brasileira de repercussão internacional. Para mais detalhes ver na aba Arquivancada do site *Ludopédio*: <https://bit.ly/3pAZqy1>.

Meu avô, Antonio Dias Carrasqueira, era português e veio trabalhar na estrada de ferro, na leva de imigrantes e foi para Paranapiacaba. Meu avô era maquinista de trem e era músico. Maestro da Liga Serrana, uma das duas bandas da cidade. Casado com vovó Rosinha, filha de irlandeses. Como não havia televisão tinha músicos em todas as famílias [...]. A diversão era tocar, violão, violino, flauta, bandolim. Minha mãe é de Itu, da roça mesmo. Família caipira raiz. Meu pai veio para a Lapa. O pai dele faleceu, tinha muito acidente na estrada de ferro. Minha avó ajudou muita gente durante a gripe espanhola, que foi terrível. Meu pai veio para Lapa com dez anos, perdeu o pai com cinco anos. Por isso a gente cresceu na Lapa. Eu com 15 anos comecei a sair da Lapa [...] foi aí que veio essa oferta do Santos, meu pai disse, não, apesar de adorar futebol. [...] Ele era são-paulino, mas adorava o Santos. Todo mundo adorava o Santos e o Botafogo do Rio, dois timaços que eram a base da seleção então campeã do mundo.

Como você virou corintiano?

Vixe, não sei, ali na redondeza, não sei, um mistério. Eu fui escolhido né? [risos]. Ungido pelos Deuses, São Jorge, Ogum. O Corinthians não ganhava nada. Nessa época só dava o Santos e o Palmeiras. Mas sempre corintiano doente, hoje bem mais tranquilo.

Você ia ao Pacaembu?

Não ia, era longe, não tinha grana, meu pai não ia, não gostava de multidões... Meu pai adorava futebol, mas nunca foi me ver jogar. Chegavam os comentários dos amigos, eu era meio ídolo da molecadinha ali no bairro. O pai falava: não

vou porque “vai que alguém te dá uma botinada e eu aí vou querer brigar”. Então, ele nunca foi me ver jogar. Ele jogou na juventude. Quando eu nasci meu pai já tinha 44 anos. [...] A gente brincava no quintal, ele fazia embaixadinhas, ele era esportista. O futebol não tinha esse *glamour*, não se ganhava esse dinheiro todo como hoje em dia. O futebolista era até malvisto, rolava cachaça, começava a aparecer o fumo, a diamba. Meu pai não via aquilo com bons olhos. É uma carreira complicada, também tem o fator sorte. Eu vi muitos craques que nunca chegaram a ser profissionais, outros se machucam pelo caminho [...]. Era o meu sonho, mas aí comecei com a música. [...] A bola era no final de semana, mantinha o futebol no final de semana, jogava sábado, de manhã e de tarde, domingo, de manhã e de tarde.



Frame do programa *Passagem de som*, SESCTV, 2014. Toninho Carrasqueira, à esquerda, Ademir da Guia ao centro e o violonista Guinga à direita.

Como é que a flauta apareceu?

Meu pai dava aulas em casa, tinha um quartinho no fundo de casa. Foi um grande professor, pedagogo, fera, fera, fera. João Dias Carrasqueira. O apelido dele era “Canarinho da Lapa”. Ele ensinou todo mundo. Meu querido tio Omar, também lapeano, que era mecânico e flautista, dizia: “teu pai ensina até um cabo de vassoura ter um som bonito de flauta”.

Teu pai era chorão ou músico de concerto?

Chorão e de concerto. Chegou a tocar com o Pixinguinha depois que o Benedito Lacerda faleceu. O pai tocou nos regionais da Record, Cruzeiro do Sul, em orquestras “de cinema” na época do “cinema mudo”. E era concertista também, foi o primeiro flautista brasileiro a tocar as sonatas de Bach em São Paulo. Chegou a tocar na Filarmônica de São Paulo. Em 1954, ele prestou concurso para a orquestra sinfônica do Teatro Municipal e entrou como primeiro flautista. A maioria dos músicos era de italianos, inclusive, anos depois, eu toquei (durante nove anos) na orquestra municipal também. [...] Então, aí eles ficavam, como um “churista” entrou como primeiro flautista?”. Ele tocava choro também, tocava de tudo. O pai era pintor, dos bons, não terminou nem o primário, mas fez escola de Belas Artes. Ele tinha uma cultura geral muito rica, vasta, num tempo que a informação não estava tão disponível. Na verdade, ele lia muito e era

intelligentíssimo, não tomava um café fora de casa, mas comprava livros. E tinha uma capacidade de trabalho incrível.

Como foi a formação de flauta dele?

Ele dizia que era autodidata, mas acho que aprendeu com o irmão José Maria. Em São Paulo havia grandes flautistas, entre eles o Ferruccio Arrivabene e o Alfério Mignone, pai do Francisco Mignone, flautista do Municipal.¹² Tinha muito músico naquela época. [...] Meu pai tinha um som único, com um vibrato lindo, e naquela época era meio proibido fazer vibrato. Mas ele tinha som mágico. Tinha um quarteto de flautas que tocava na rádio Record. Ele, o Vicente de Lima, e meus tios José e Omar. Um quarteto de flautas contratado por uma rádio, vocês imaginam isso hoje? O pai era um artista, pintava de memória quadros “a óleo” de paisagens da mata Atlântica. Ele nasceu e passou a primeira infância em Paranapiacaba, que aliás tem uma estação ferroviária maravilhosa, um tesouro da arquitetura, com as feragens trazidas da Inglaterra, só que hoje o trem não chega mais lá, um absurdo né? Antes ia de Jundiaí até Santos, levando passageiros e café pra exportação. A indústria automobilística acabou com o trem, um dos maiores crimes que fizeram com o Brasil. O pai também era poeta e ator. Fazia “sketches”, pequenas peças teatrais, trabalhava muito com seu amigo o padre Arnaldo, ali na vila Anastácio, um padre húngaro. Pai era muito católico, vicentino. Fazia muita ação social, peça de teatro, tocava, contava história e a gente

¹² Para algumas referências biográficas sobre Francisco Mignone ver: <https://bit.ly/3nSJFCh>.

participava. Ele nem achava que eu ia ser músico, achava que eu ia ser palhaço. Eu fazia uns números que davam certo [risos]. [...] Meu pai era a cara do Adoniran, aquele estilo, bigodinho, chapeuzinho. [...] Ele era um artista plural. Falava muito de cores, de claro, escuro, contraste. Ele pensava a música com os olhos de pintor. Meu mestre.

Você começou a estudar flauta com quantos anos?

Comecei a estudar com 12 anos. Eu já tinha estudado um pouquinho de piano. Tinha uma pianista na rua, dona Lucia Latorre. Minha irmã com cinco anos começou a tocar piano, depois virou uma virtuose, a Maria José Carrasqueira, minha parceira em muitos trabalhos. Comecei a estudar violino, tinha um professor de violino ali na rua, o Alexandre. Dona Lucia era professora de piano no bairro. A música sempre esteve presente lá em casa. Todas as quintas-feiras tinha um sarau. Aí vinha dona Irma, filha da italiana dona Assumpta e declamava poesia e chorava, emoção para todos os cantos. Tinha a dona Edith, que tocava piano, meu pai tocava flauta, “seu” Barão tocava violão. De vez em quando, aparecia o Jacó do bandolim e um pessoal do Rio de Janeiro... era bonito, música, poesia, café com bolo, causos e risadas...

Uma coisa quase que natural para você...

As pessoas se visitavam muito. E em casa a minha irmã começou a tocar com cinco anos, ela é quatro anos mais velha do que eu. E depois lá em casa virou uma escola de música, mesmo quando o pai trabalhava na Ferrovia. Quando eu nasci, à noite, ele dava aulas em casa. Tinha aula de flauta, sanfona (minha prima Carlé), violão, então eu cresci ouvindo

música. Comecei a aprender a tocar violão, um pouco de piano, um pouco de violino. Com 12 comecei a tocar flauta, mas já estava musicalizado.



Frame programa *Passagem de Som*, SESCTV. Episódio “Guinga e Quinteto Villa Lobos”, 2014.

E a escolha da flauta foi por causa do pai?

“Toninho vem tocar aqui um pouquinho, acabei de sapatilhar uma flauta, experimenta pra ver se está boa”. Tive uma facilidade para tirar um som limpo, uma coisa que às vezes é complicado na flauta. Aí ele já escreveu uma música, quando vi estava tocando a “Ave Maria” de Erotides de Campos, “cai a tarde, serena, tristonha...”. Erotides foi ponta-direita do XV de Piracicaba, foi compositor, foi flautista, diretor do XV de Piracicaba, sendo negro. A música e o futebol sempre foram uma saída, vocês falaram aí da questão racial. Meu pai também foi meio criado por uma família de negros. Meu tio

mais querido, o tio Omar, irmãozão dele a vida inteira, era negro e flautista também. Essa foi uma família multirracial. Cresci com a minha amada tia Jaci, as tias todas professoras, irmãs do tio Omar. A tia Djanira foi minha primeira professora primária. Fui também criado pela Dita, que veio trabalhar em casa quando eu tinha nove meses e virou minha amada mãezinha preta. Tinha essas coisas... Eu achava que era branco, mas na França, em 1976, quando nasceu o Mario, meu primeiro filho, minha cara, de mãe lourinha de olhos azuis, os médicos disseram que ele tinha características de mestiço, de pai negro... Acho que o discurso do Chico Buarque no Prêmio Camões traduz quase todos nós quando diz: “Tenho antepassados negros e indígenas, cujos nomes meus antepassados brancos trataram de suprimir da história familiar. Como a imensa maioria do povo brasileiro, trago nas veias o sangue do açoitado e do açoitador, o que ajuda a nos explicar um pouco”.

Essa música [“Ave Maria”] tem a cara de flauta.

Pois é, e ele [Erodites] era flautista. Fiquei sabendo disso depois quando fui gravar uma série de nome *Princípios do choro* lá no Rio de Janeiro com o Mauricio Carrilho, Luciana

¹³ *Princípios do choro* é uma coleção de cinco CDs gravados pela Acari Records/Biscoito Fino, que traça a trajetória do gênero desde o século XIX, incorporando autores e composições que ajudaram a formatar o choro, tais como modinhas, valsas, mazurcas, polcas. Ver, por exemplo, <https://bit.ly/3O0FYFe>. Há uma seleção de músicos intérpretes, entre eles Toninho Carrasqueira, Ricardo Amado, Cristovan Bastos, Pedro Amorim, Luciana Rabelo, Mauricio Carrilho.

¹⁴ Fundado em 1962, o Quinteto Villa Lobos traz a proposta de um conjunto de câmara. Toninho o integrou desde 1997, permanecendo por

Rabello, Nailor Proveta, o lendário Jorginho do Pandeiro e outras feras.¹³ Aliás essa coleção, que saiu pela Biscoito Fino, é maravilhosa, revela um “elo perdido” da música brasileira, compositores do séc. 19 [...], aliás outro cara para vocês entrevistarem é o Mauricio Carrilho.

Ele gosta de futebol?

Muito. Flamenguista doente. E ama jogo de botão, outra coisa que joguei muito... O pai dele jogou no Flamengo, foi reserva do Zagallo. Eu cheguei a jogar com o Carrilhão (Álvaro Carrilho), ele já com 70 e eu com 50 [risos]. Engraçado, o pai do Mauricio lembrava muito o meu pai também, tinha um senso de humor maravilhoso, um jeito de encarar a vida. Lá no Rio de Janeiro, também toquei durante 15 anos com o Quinteto Villa Lobos, um grupo maravilhoso com o qual realizamos centenas de concertos para crianças e jovens do subúrbio, gravamos 15 CDs, ganhamos prêmios, fomos indicados ao Grammy e viajamos muito... tempo bom. Nosso último CD foi com o Guinga, craque de bola, por sinal.¹⁴

A flauta foi invadindo sua vida...

15 anos. Há do Quinteto uma extensa produção e parcerias que percorrem o cancionário concertista e popular brasileiros. À época de Toninho Carrasqueira a formação era Antonio Carrasqueira, Philip Doyle, Aloysio Fagerlande, Luis Carlos Justi e Paulo Sérgio Santos. Para mais informações ver <https://bit.ly/3LXzCUt>. Outros dados biográficos de Toninho Carrasqueira estão disponíveis em <https://bit.ly/42ro4Qw> e <https://bit.ly/3pw104n>.

Foi, devagarzinho. Quando tinha 15 anos fiz uma peneira no Juventus da Mooca, não joguei nem cinco minutos e peguei uma vez só na bola e fiquei muito puto. Nessa época veio uma senhora, uma suíça-alemã, dona Beatriz, lá hoje é a Cháraca Flora, eles tinham uma orquestra de jovens e a flautista tinha ido embora e ficaram sabendo que tinha um menino lá na Lapa. Lembro que eu estava jogando bola na rua e minha irmã disse que chegou um carro. O único cara que eu conhecia que tinha carro era o tio Omar [...], que tinha uma pequena indústria de laminados no fundo de quintal. O Serginho, filho dele, era meu ídolo, o primeiro *black power* da Lapa. Era um desgosto para a família [risos]. [...] Meus ídolos era o Jimmy Hendrix, Che Guevara, depois quando fui pro científico, e o Pelé, sempre o Pelé. Martin Luther King [...]. Eu saí da Lapa e deixei de ser aquele cara da igreja católica, do campo da várzea e da rua para começar a entender um pouquinho mais as coisas, o mundo se ampliou...

E aí o sonho de futeboleiro...

Tava ali dentro, mas eu fui indo cada vez mais para a música. Fiquei seis meses no Bamerindus [...]. Meu pai me colocava para tocar inclusive em concertos importantes e me pagava um cachezinho. Às vezes o cachê de um concerto era o salário do mês no banco, onde, bem na hora de ir embora os caras me mandavam fazer um serviço lá no largo São Bento [risos]. Todo mundo mandava em mim, né. [...] Aí pensei, peraí, eu gosto de música e esse banco está me tirando o tempo de estudo [...]. Comecei a tocar com essa orquestra jovem alemã. Daí, quando tinha 16 anos me chamaram para um quinteto de sopros. No ano seguinte, o maestro Olivier Toni fundou a

Orquestra Jovem Municipal. Ele também criou a Escola Municipal de Música e depois o departamento de música da USP, fez muito pela música em São Paulo [...]. Eu fui para a Orquestra jovem. Entrei para a Orquestra jovem e dali um ano teve concurso para a Orquestra Filarmônica de São Paulo. Era uma orquestra na qual meu pai tinha tocado, em 1963, 1964. Ela tinha acabado, depois voltou com um super regente maravilhoso, Simón Blech. Fiz um teste e entrei [...] com salário bacana, comprei o primeiro carro da família, um fusquinha branco. Ao mesmo tempo continuei brincando na várzea. Como disse, o futebol me transmitiu valores fundamentais pra vida: o trabalho em equipe, o espírito de união, a alegria, a garra, determinação, comprometimento, seriedade... qualquer que seja a escolha profissional, muitas vezes a garra vale mais do que o talento. A gente aprende a se fazer respeitar, respeitar o outro. Durante os 90 minutos é uma guerra, vale quase tudo, a malícia, a provocação, mas na hora que acabou, acabou a guerra: todo mundo vira amigo, de verdade, cumprimenta o adversário; ô meu irmão, desculpe qualquer coisa, bora tomar uma [...], essa coisa do futebol.

Você era meia-direita, 10...

Sempre joguei no meio de campo, bato bem com as duas, mas meu pé mesmo é o direito, sou destro. Sempre joguei de volante, mas aquele volante armador, criador, garra e habilidade, inspirado em meus ídolos Clodoaldo, Rivelino, Zito. Sempre tive muito fôlego, sempre no meio de campo, ou pela esquerda, ou pela direita, armando e defendendo... Mas voltando pra música, entrei na Orquestra Filarmônica, que foi uma grande escola e um ano depois entrei, após concurso na

Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal. Olha que interessante... Eu entrei na Filarmônica em 1971, fiz 18 anos e assinei contrato. Era o mais novo da orquestra, era garoto ainda, segunda flauta. O primeiro flautista era inglês e a terceira flautista a Julia, uma americana. E dali seis meses teve vaga no Teatro Municipal e fui para o Teatro Municipal. Nessa época eu já estava pensando em viajar, ir pra Europa, de repente ganhar um dinheirinho. Também eu estava fazendo faculdade, Comunicações, me direcionando pro jornalismo. Voltando no tempo; Saí do ginásio, bom, fazer o quê? Só tinha três opções: o clássico, o científico e o normal [...]. As meninas iam para o normal para ser professora primária. [começa a cantar “A normalista”]. O clássico, eu não sabia o que era direito. No terceiro ano fui de científico, ou era engenharia ou era medicina. Pô, e agora? Acho que vou mais para o clássico, né? Sou mais de humanas. Pra prestar exame pro clássico, tinha que falar francês, e olha a ironia do destino, depois eu viveria quase seis anos em Paris. Como eu não falava francês, não pude ir para o clássico e fui para o científico. Nessa época já estava trabalhando na orquestra, já estava fazendo uns concertos como solista, recitalista e a escola foi ficando meio de lado, ainda bem que apaixonei por uma colega e não abandonei a escola. Ia na escola só por causa dela, depois a gente casou... hoje temos quatro netas [...]. Aí tinha um curso novo, Comunicações. Então, acho que vou para esse negócio aí. Lembro que fiz para a FAAP. Estudei

lá um ano, tranquei, fiz mais meio ano e aí ganhei uma bolsa de estudos para a França. Dei uma sorte absurda.

Mas por que sorte?

Naquele tempo na FAAP a gente organizou um espetáculo chamado “Supermercado do Som e Imagem,¹⁵ com direção do Jamil Maluf, pianista grande amigo na época, hoje maestro com um trabalho maravilhoso, criador da Orquestra Experimental de Repertório. Nessa época comecei também a tocar em festivais de música contemporânea, ao lado do Jamil . Eu gostava dessa coisa de arte de vanguarda, e do jornalismo, inclusive porque a questão social sempre me incomodou. Acho que muito por viver no meio “varzeano”, da cultura popular, e ver como os mais pobres, os pretos, como a gente era discriminado, ver tantos parceirinhos queridos maltratados. Aquilo sempre me incomodou, desde moleque. Essa realidade brasileira de uns com tantos e outros sem nada. [...] Estava fazendo jornalismo, música e ainda jogando bola na várzea. E namorando, pensando em ir pra Europa estudar, conseguir uma bolsa de estudos para a França, centro de grandes flautistas franceses. Eu também tinha aulas com o Jean-Nöel Saghaart, que era flautista da Sinfônica municipal [...] dos seis flautistas das duas únicas orquestras sinfônicas de São Paulo nessa época (1971, 73) eu era o único brasileiro, eu dei muita sorte. Hoje tem muita gente boa, se abre uma vaga no Teatro Municipal aparecem uns 40 excelentes flautistas brasileiros. Bom, olha só como o destino arma: aquele espetáculo musical

¹⁵ Supermercado de som e imagem foi um projeto de show interativo que inaugurou o teatro FAAP em 1972.

que a gente fez lá na FAAP, o “Supermercado de Som e Imagem”, foi gravado pela TV Cultura. Algumas semanas depois fui convidado para fazer “um cachê” na Orquestra Sinfônica Municipal, completar o naipe de flautas e tocar na estreia brasileira da genial “Sagração da Primavera” de Igor Stravinski. A regência seria do famoso Ernest Bour, então o “papa” da música contemporânea na Europa.¹⁶ Ele, de uma competência espantosa, ensaiou tudo de memória, regeu com uma clareza espantosa uma partitura complicadíssima, com muitas mudanças de fórmula de compasso e andamentos. Bom, bem na semana dos ensaios a TV Cultura passou nossa gravação do “Supermercado” e Ernest Bour me viu na TV tocando Debussy, Honneger e outros compositores. No dia seguinte, no intervalo do ensaio da “Sagração” ele veio falar comigo, disse que me vira na TV e gostara muito: “Você toca muito bem, parece que estudou na Europa”. Surpreso e feliz, disse que estudava com meu pai e com os professores aqui da orquestra. Nessa época eu estava justamente solicitando uma bolsa de estudos junto ao consulado francês. Já tinha encaminhado várias cartas de recomendação e não acontecia nada [...]. Contei isso a “Monsieur” Bour que no dia seguinte me entregou uma longa e elogiosa carta de recomendação. Assim que a levei ao consulado, me entregaram um formulário [...].

Por que a França?

Naquela época, o flautista mais famoso do mundo era o francês Jean-Pierre Rampal, de fato, maravilhoso, mas que,

curiosamente, não me arrepiava. Para mim meu pai era mais mágico... Mas aí ouvi um disco integral das “Bachianas brasileiras” do Villa Lobos com Orquestra Nacional da França, regida pelo Villa. Quando ouvi a Bachiana nº 6, para flauta e fagote (que eu viria a gravar anos depois), fiquei encantado com o flautista Fernand Dufrene. Uau, esse cara toca lindamente, quero estudar com ele. [...] Acabou que eu ganhei essa bolsa, casamos, eu e a Isabel, cheguei lá 7 de setembro, dia 9 fiz 21 anos. Vivi por lá quase seis anos. Tempo maravilhoso, de imenso aprendizado. Toquei muito, viajei, conheci muitos países, e continuei a jogar bola.

Você jogou bola em Paris?

Rapaz, joguei muito, quase todo sábado. Com franceses, marroquinos, cameroneses, na seleção da cidade universitária de Paris, mas especialmente numa equipe chamada “Espoir” (esperança), onde fiz amizades eternas... quem estava por lá nessa época fazendo um doutorado em neuro cirurgia, e jogou comigo nesse time foi o Salomão, um baita jogador, ex-craque do Náutico, Santos e Vasco... Uma das melhores coisas do futebol é as amizades... numa ocasião fui até convidado para jogar no Paris Saint Germain, mas a essa altura eu já estava completamente tomado pela música. Como diria meu irmãozinho batuqueiro, mestre Luis Bastos: “Ô passarinho, você já foi mais humilde” [risos].

Mas é sério mesmo?

¹⁶ Maestro da Orquestra Filarmônica de Estrasburgo entre 1950 e 1963. E da Orquestra Sinfônica da SWR entre 1964 e 1979.

É sério, negócio de maluco. Vou contar, ninguém vai acreditar, foi para isso que vocês me chamaram mesmo...¹⁷

Deixa-nos fazer uma última pergunta [depois dela ficamos ainda mais 40 minutos vagando em outros assuntos]. Você acha que tem algum tipo de espelhamento entre o estilo de futebol do Brasil, que já teve uma linguagem brasileira de futebol, com a nossa musicalidade? Você consegue ver algum paralelo?

Eu acho que sim. O Villa Lobos dizia que o Ernesto Nazareth é o melhor tradutor da alma brasileira. A música é tradução. O nosso jeito de dançar, de brincar, de jogar bola, também nos traduz. Tem até um artigo de um amigo francês, François René Simon, em que ele faz esse paralelo, do suingue musical, do jeito de andar, do drible, fala do samba, do choro [...]. Aliás, tem aquele choro do Jacó, “A ginga do Mané”, o “Um a zero” do Pixinguinha, o “Radamés e Pelé” do Tom.

Não é casual que o samba vá ficando um pouco de lado, o choro também. E isso vai matando o próprio futebol. O que esses moleques escutam hoje? Não escutam mais samba, choro. O samba hoje é o sétimo gênero musical mais ouvido [há pesquisas que indicam que está em 11º posição, atrás do forró]. O que está ficando para trás? Talvez um país inteiro. Isso vai se perdendo como um sistema.

¹⁷ O final dessa hilariante história está no texto publicado no portal *Ludopédio*, na seção Arquibancada, Ideacção: <https://bit.ly/42koU1j>.



Convivência étnica-acadêmica-futebolística na França. Toninho ao centro da imagem, sexto da esquerda para a direita.

Isso que você falou é seriíssimo. Essa riqueza enorme da música e da canção brasileira vai se perdendo, como não toca nas rádios e tevês, as novas gerações não conhecem o legado maravilhoso de Pixinguinha, Nazareth, Dorival Caymmi, Ari Barroso, Jacó, Luiz Gonzaga, Cartola, Tom Jobim, Paulo Cesar

Pinheiro, Chico Buarque, Elis, João Bosco, Guinga... esse tesouro não chega até elas. Pra mim isso é um crime, um genocídio cultural. Coordeno um trabalho que a gente faz com crianças de escolas do entorno da USP. A gente pede para elas cantarem alguma coisa e elas se entreolham e dizem: “essa não pode, essa não pode”. Só ouvem essa vulgaridade, essa coisa do sexual [...], mas se encantam com poesia, com o som do violino, do violoncelo, clarinete, oboé, da flauta... que nunca tinham ouvido antes. Isso é muito triste, as crianças merecem tudo do melhor, todas deveriam poder tocar um instrumento.

Isso não tem nada a ver com saudosismo, não?

Não, tem a ver com qualidade musical. Isso tem a ver com a mediocridade que vem das rádios e tevês, elas são as difusoras da cultura, as rádios e as televisões formam, elas ainda são a escola, apesar da internet ter quebrado esse monopólio. Vou contar uma história que conto para a rapaziada, para os alunos. Tinha acabado de gravar esse CD aqui *Toninho Carrasqueira toca Pixinguinha e Pattápio Silva* e fui fazer a gravação de um “jingle” no estúdio da Transamérica, no Alto da Lapa, ao lado da rádio Transamérica.¹⁸ Estava com uma caixinha de CDs que tinha pegado na gravadora. Bom, rádio Transamérica... não custa nada, pensei, vou deixar um cdzinho aqui. Posso deixar um cdzinho pra vocês? Deixei. Dali uns dias, já ia dormir, era uma hora da manhã, atendo o

¹⁸ Ele mostra o CD *Toninho Carrasqueira toca Pixinguinha e Pattápio Silva*, de 1996. Nesse trabalho, está incluído o famoso choro “Um a zero”, de Pixinguinha, feito em 1917, em homenagem a um jogo Brasil e

telefone: – “Toninho, tô ouvindo seu CD, tô emocionado, Pattápio Silva, Pixinguinha”. – Mas quem está falando, não estou reconhecendo. – Aqui é fulano, sou o programador da rádio Transamérica. – Eu falei [pra minha mulher], acorda amor, o CD vai tocar na rádio. – Você gostou? – “Gostei muito, Pattápio Silva é lindo, meu avô tocava” – Que bom, fico feliz, então vai tocar? – “Não, não vai tocar”. – Ué, mas você é o programador, não vai tocar? “Não, não pode tocar, os caras não deixam”. Eles pagam o tal do jabá (que é uma forma de corrupção, né?) e dizem: essa música vai tocar tantas vezes. Esse artista aqui a gente contratou, mas não vai tocar... é assim que funciona. Ano passado estive em um rádio numa cidade do litoral paulista dando uma entrevista. Quis deixar um CD com o programador que tinha acabado de elogiar meu trabalho. Ele agradeceu, mas disse que não ia tocar, pois aquela era uma rádio de rock... e a outra rádio da cidade era evangélica, só tocava a música dos pastores... Hoje, muitas rádios foram compradas pelos donos do agronegócio, que empresariam essas duplas sertanejas, por isso só toca isso. Quer dizer, o espaço das rádios e tevês é manipulado, não é democrático, existe uma censura, a música virou mercadoria, como tudo nessa sociedade da mercadoria como diz com muita propriedade o Davi Kopenawa.¹⁹ Apesar das rádios e tevês serem concessões do estado, né? E o

Uruguai, vitória do Brasil com gol do Friedenreich, considerado o primeiro “fora de série” brasileiro.

¹⁹ Toninho alude ao livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* em coautoria com o antropólogo Bruce Albert.

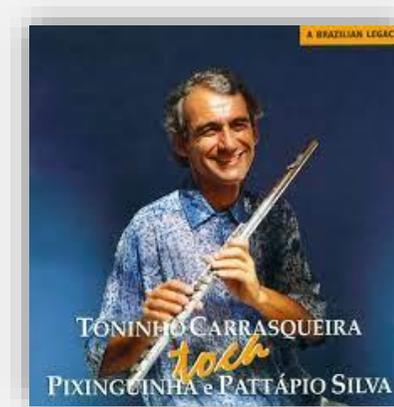
Estado devia cuidar da educação e da cultura, né? Tem um problema seriíssimo aí, de consequências importantes.

A música brasileira parece estar mais forte que o futebol...

Sem dúvida, sem dúvida. Apesar de toda falta de espaço a gente continua vendo poesia e música da melhor qualidade. Mas tem que procurar... Já o futebol...

Você faz música com uma flauta, tá na sua mão e você faz. O futebol tem uma coisa mais urbana, você precisa de uma quadra, aí tudo vira dinheiro. Tem muitos elementos.

Tem também essa coisa dos meninos irem embora muito cedo. Você não conseguir manter um time [...]. Futebol é equipe, assim como um grupo musical. Você não junta os caras e pronto. Demora pra pegar entrosamento, precisa treinar, ensaiar, jogar, tocar, né? Hoje também existe uma mentalidade muito mais individualista, né? A cultura do carro, do celular, do computador... Lembro que com o Quinteto Villa Lobos, de repente... já fazia dois anos que eu estava lá, a mesma turma. Demos um acorde e eu falei, opa! Agora é um grupo. Encaixou, você sabe onde o outro está, você sabe a afinação, fica fácil de tocar, fica fácil de jogar, a coisa flui.



Capa de CD, 1996.



Toninho Carrasqueira (detalhe), 1996.

É mais difícil montar um time ou um grupo musical?

Eu diria que é muito semelhante. Nos dois casos é necessário espírito de grupo, de equipe. Pode ser um craque como o Neymar... [balança a cabeça]. Tem caras que juntam, unem o grupo, outros separam. Num grupo musical tem isso também. Meu pai sabia que eu era meio revoltado com desrespeitos e injustiças, então dizia: “calma, Toninho, o mundo não vai afinar com você, você é que tem que afinar com o mundo” [...]. Sábias palavras né? Lembro quando cheguei no Quinteto [Villa Lobos], os caras eram meio marrentos, se sabiam bons, famosos... Eu falava, vocês já são um grupo, estão juntos faz tempo, deixa comigo, eu é que tenho que afinar com vocês, bora tocar de novo esse trecho, por favor. Opa, estou um pouco alto, deixa que eu abaixo [...]. Nunca falava para o cara: “você está desafinado”, dizia, peraí, eu afino com você. [...] Tem que ter humildade, boa vontade [...]. Cheguei no Quinteto pra fazer só um disco, tapar um buraco, acabei ficando 15 anos, vários CDs, prêmios, viagens... Como diz o Zé da Velha, grande mestre trombonista, o bom músico tem que ser como um garçom, servir o outro, jogar pro time... o parceiro ralentou, você ralenta com ele, ele acelerou, você acelera. Estar atento, ligado, sentir o fraseado e o tempo do outro, esperar a hora pra dar o passe redondinho no pé bom do companheiro... Ele fez um “staccatinho” ali, um legato aqui, você faz também, pra dar unidade [...]. Você aceita o outro com a característica dele, faz um vibrato que encaixe, mistura o timbre, você vê como é que soma para ficar bom pra todos. E na hora que fica junto, aí a magia acontece, vira música. O grupo tem que virar um. Para virar um tem que ter

boa vontade, estar a serviço dessa parada, do grupo, da beleza, da música, da arte. Num time de futebol é a mesma coisa.

* * *

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Paulo Mendes. **O gol é necessário**: crônicas esportivas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FAVERO, Raphael Piva Favalli. **A várzea é imortal**: abnegação, memória, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, FFLCH-USP, 2018.

GUIMARÃES, Micael Lazaro Zaramella. **O Palestra Itália em disputa**: fascismo, antifascismo e futebol em São Paulo (1923-1945). Dissertação de mestrado em História Social, FFLCH-USP, 2021.

Jornal da USP. “Toninho Carrasqueira lança o álbum *Oriente-se, Ocidente*”, 15 jul. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3LVmY8v>. Acesso em: 23 abr. 2023.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MOLES, Osvaldo. **Recado de uma garoa usada**: flagrantes de São Paulo e crônicas sem itinerário. São Paulo: Garoa Livros, 2014.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O carnaval das letras**: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

Programa Passagem de Som. SESCTV, 2012. Disponível em: <https://youtu.be/8d69i1gbnog>. Acesso em: 08 abr. 2023.

SANTOS, André Augusto de Oliveira. **“Vai graxa ou samba, senhor?”**: a música dos engraxates paulistanos entre 1920 e 1950. Dissertação de mestrado, História Social, FFLCH-USP, 2015.

SANTOS, Alberto Luiz dos. **O samba como patrimônio cultural em São Paulo/SP**: as batucadas de beira de campo e o futebol de várzea. Tese de doutorado em Geografia Humana, FFLCH-USP, 2021.

SILVA, Diana Mendes Machado. **Futebol de várzea em São Paulo**: a Associação Atlética Anhanguera (1928-1940). São Paulo: Alameda, 2016.

STREAPCO, João Paulo França. **Cego é aquele que só vê a bola**: o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo. São Paulo: Edusp, 2016.

* * *

Recebido em: 22 de maio de 2023.
Aprovado em: 23 de maio de 2023.